

Escrit(ur)as de si e o espaço do/no papel-cela: necessidade e (im)possibilidade de dizer(-se)

Self-writing and the space of/in the prison-role: the need and the (im)possibility of saying (self-saying)

Mary Stela Surdi¹

RESUMO

Neste estudo apresento um olhar sobre a constituição de arquivos, de memórias e de corpora, a partir de uma perspectiva discursiva e desconstrutivista com o apoio de algumas noções da psicanálise, com base em Coracini (2007; 2010), Achard (1999), Derrida (2001), Foucault (1977), Guilhaumou e Maldidier (2014) e Robin (2016), por meio da análise de escrit(ur)as de si extraídas da coletânea "Textos no cárcere", que reúne textos produzidos por sujeitos-autores da Penitenciária Agrícola de Chapecó/SC. Dentre as possíveis leituras construídas pelos gestos de interpretação, destaco que a maioria dessas materialidades discursivas tem como característica predominante a escrit(ur)a em primeira pessoa do singular, carregando os dizeres com diferentes modos de subjetivação, revelando por vezes o assujeitamento, marcado pelo conformismo, silenciamento, recalque e espera e, em outros momentos, apontam para sujeitos que não veem o cárcere como espaço do seu dizer porque revelam resistência, tomando a escrita como espaço para denunciar e questionar, pois têm no papel-cela o lugar da contraidentificação e/ou do *phármakon* derridiano.

Palavras-chave: Arquivo. Escrit(ur)a de si. Memória. Cárcere. Modos de subjetivação.

ABSTRACT

In this study I present a look at the constitution of archives, memories and corpora, from a discursive and deconstructivist perspective with the support of some notions of psychoanalysis, based on Coracini (2007; 2010), Achard (1999), Derrida (2001), Foucault (1977), Guilhaumou and Maldidier (2014) and Robin (2016), through the analysis of writings about themselves extracted from the collection "Textos no cárcere", which brings together texts produced by inmates of the Agricultural Penitentiary in Chapecó/SC. Among the possible readings constructed by the gestures of interpretation, I highlight that most of these discursive materialities have as their predominant characteristic the writing in the first person singular, carrying their sayings with different modes of subjectivation, sometimes revealing subjection, marked by conformism, silencing, repression and waiting and, at other times, they point to subjects who do not see prison as a space for their saying because they reveal resistance, prison-role taking writing as a space to denounce and question, as they have in the place of counter-identification and/or the Derridian *pharmakon*.

Keywords: Archive. Self-writing. Memory. Prison. Subjectivation modes.

¹ Docente da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Mestre em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Bolsista do programa UNIEDU/FUMDES/Pós-graduação. Chapecó/SC, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0494-794X>. E-mail: stela@uffs.edu.br.

1 UM COMEÇO NECESSÁRIO

Antes de mais nada preciso assumir ao leitor que o título deste artigo é uma intencional referência a dois escritos que subsidiaram a sua produção, a saber: “Sujeito, identidade e arquivo – sobre a impossibilidade e a necessidade de dizer(-se)”, de Coracini (2007) e “Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela”, obra organizada por Eckert-Hoff e Coracini (2010). A quase paráfrase, beirando a paródia com bricolagem, a apropriação de termos, o jogo de sentidos provocado pelo uso dos parênteses e pelo trocadilho “cela/tela”, além de cumprirem a intenção de referenciar os textos, também servem de inspiração para justificar suas escolhas e para argumentar sobre os caminhos que cheguei até eles, assim como os caminhos que percorri para chegar até a escrit(ur)a deste artigo.

Talvez se o tema fosse outro, se o desafio² lançado fosse diferente, o parágrafo anterior não seria necessário. Não é este o caso, já que há uma inevitável imbricação entre o que intenciono analisar e os pontos nodais dessa discussão, pois me proponho a trazer a partir de uma perspectiva discursiva e desconstrutivista com o apoio de algumas noções da psicanálise um olhar sobre a constituição de arquivos, de memórias e de corpora – por meio de gestos de interpretação de materialidades discursivas produzidas no espaço do cárcere, da “cela” - e discutir de que modo essas escrit(ur)as paradoxalmente mobilizam a (im)possibilidade e a necessidade de dizer(-se), ao mesmo tempo em que tensiono sobre o meu próprio gesto de inscrição neste texto. Com isso, este estudo pretende contribuir para as discussões acerca da escrit(ur)a de si no espaço do cárcere a partir de noções da Análise de Discurso franco-brasileira (AD), convocando-as nos gestos de interpretação, além de expor mobilizações advindas de meus gestos de inscrição como analista de discurso.

Neste começo necessário, cabe salientar que este breve texto se destina a estudantes e pesquisadores interessados em assuntos relacionados à escrit(ur)a de si, arquivo e memória, discutidos sob a perspectiva discursiva, uma vez que propõe mais um olhar sobre o tema “cárcere e análise de discurso”, que apresenta algumas produções à disposição. Destaco duas delas, localizadas na Plataforma Sucupira³: a tese “Discurso, corpo e linguagem: Processos de subjetivação no cárcere feminino” (VINHAS, 2014) e a dissertação “Discurso religioso no cárcere: caminhos e possibilidades” (NUNES, 2017), por abordarem em seus trabalhos acadêmicos a escrit(ur)a de si de apenados/as, a partir de entrevistas realizadas e de poemas produzidos por esses sujeitos.

Além dessas produções acadêmicas, destaco os artigos: “Um olhar discursivo sobre o cárcere e a rua” (FERNANDES, 2020) que investiga as posições discursivas ocupadas pelas mulheres no regime semiaberto, inscritas na espacialidade do Albergue Feminino (SUSEPE) e das ruas da cidade de Porto Alegre - RS, e, por consequência, a imagem que fazem de si e “Cárcere e educação: análise documental das informações penitenciárias” (CARNEIRO; SANTOS; MEDEIROS, 2019), em que os autores apontam as posições ideológicas que envolvem o debate em torno da redução da idade penal em discursos

² Este texto é fruto de um exercício acadêmico produzido durante o componente curricular de “Tópicos especiais em estudos do discurso: arquivo e memória” ministrado pela Profa. Dra. Ângela D. Stübe, cursado em 2022/01 no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – UFFS/Chapecó.

³ Consulta realizada no endereço <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/>> utilizando os termos “cárcere e análise de discurso”. Acesso em: 14 maio 2022.

circulantes em períodos pré-eleitorais, com base nas noções advindas da AD, voltando o olhar para jovens em idade escolar e em situação de cárcere.

A seguir, apresento o percurso de leitura em busca do dispositivo analítico, necessário para a definição do arquivo e para a constituição do *corpus*, trazendo à baila de que modo a coletânea “Textos no cárcere” (SURDI; PIERIN, 2006) – obra que reúne textos produzidos por sujeitos-autores⁴ da Penitenciária Agrícola de Chapecó/SC - é alçada à condição de arquivo e de onde é extraído o *corpus* aqui analisado. Na seção seguinte proponho possíveis gestos de interpretação desse *corpus* - que são escrit(ur)as de si de sujeitos-autores - e também busco me inscrever nesta análise, trazendo elementos a partir da retomada das condições de produção do próprio arquivo, lançando luz sobre a relação paradoxal entre a necessidade e a (im)possibilidade de dizer(-se/me), amparada por Coracini (2007; 2010), Achard (1999), Derrida (2001), Foucault (1977), Guilhaumou e Maldidier (2014) e Robin (2016), além de outros que se mostrarem necessários, considerando o tratamento pendular da análise discursiva (PETRI, 2013). Como gesto de fechamento do artigo, teço algumas considerações acerca da escrit(ur)a desses sujeitos e aponto para aspectos que podem ser discutidos a partir do *corpus* selecionado e de outros que podem derivar para próximos estudos.

2 EM BUSCA DO DISPOSITIVO ANALÍTICO: QUANDO O ARQUIVO ME SALVA

Na busca pela definição de um arquivo, com o objetivo de definir um arquivo e um *corpus* para a realização deste estudo acessar os textos de Coracini (2007; 2010) foi determinante para acionar o movimento pendular, do ir e vir entre dispositivos teóricos e dispositivos analíticos. A seguir descrevo os efeitos de sentido produzidos por esses textos e de que modo ambos foram me mobilizando e me movimentado em busca da definição de um arquivo.

Considero o texto “Sujeito, identidade e arquivo – sobre a impossibilidade e a necessidade de dizer(-se)”, que constitui o primeiro capítulo do livro “A celebração do outro: arquivo, memória e identidade”, de Coracini (2007) como o primeiro mobilizador para as escolhas que se seguem. Em especial, destaco os efeitos de sentidos que a experiência dessa leitura me provocaram e de que modo me mobilizaram.

Entendo que compartilhar as condições de produção para a geração deste texto, colocando-as em tom confessional contribui para trazer à tona elementos que compõem tanto os modos como li o texto de Coracini nesse momento, quanto os caminhos que percorri para escrever as linhas que seguem. Nesse sentido, fui afetada especialmente pela seguinte passagem:

E é no exato momento em que o sujeito se insere no discurso, que busca palavras (que são sempre suas e do outro) para se definir, que ele se singulariza. É no exato momento em que se submete às expectativas do outro – ou talvez por isso mesmo -, que resvalam, cá e lá, fragmentos, fagulhas candentes da subjetividade que (se) diz: escapam representações, desenhos, inconscientes e abafados, que se ateima à menor oportunidade: uma confissão, um concurso, uma entrevista informal (CORACINI, 2007, p. 24).

4 Optei por utilizar a formulação “sujeito-autor” para marcar a função-autor (ORLANDI, 2020) que se refere ao sujeito produtor/autor de textos que compõem o *corpus* desta análise, como aquele que assume diante das instâncias institucionais esse papel social na sua relação com a linguagem, constituindo-se e mostrando-se autor. No entanto, em outros momentos, emprego a formulação “sujeito-apanado”, em referência genérica ao sujeito em situação de cárcere, em que *apanado* assume o efeito de sentido dicionarizado de “que foi condenado a cumprir alguma pena; que foi punido ou castigado” (Fonte: *Apenado* - Dicio, Dicionário Online de Português).

Invadida pelos efeitos de sentido desse excerto, estabeleci como um dos propósitos da escrit(ur)a deste artigo o próprio exercício vívido e latente de inscrição, mobilizada pelas seguintes inquietações: ao me inserir no discurso, como sujeito-analista, de que modo me singularizo? Que falhas, deslizos, recalques escapam? E escaparão. Eis o paradoxo: necessidade e impossibilidade de dizer(se). Como afirma Rickes (2002, p. 57), a linguagem “é, antes, a morada da falta que habita o sujeito, falta de uma completude que é motor do desejo. Também a linguagem é tributária dessa falta, ou melhor, justamente por estar ela em falta, o sujeito, como seu efeito, constitui-se marcado pela incompletude”. Assumir a incompletude e a impossibilidade de dizer(se) como constitutivas de um sujeito desejante de dizer-se tornam-se, pois, um dos olhares que o sujeito-analista lança sobre as materialidades discursivas e sobre as quais empenha seu trabalho de interpretação.

Assim, mesmo ciente da impossibilidade de controle de minha própria escrit(ur)a, tomo as escolhas que faço, em termos de estilo de registro, de organização retórico-discursiva do texto, como um exercício intencional de me inscrever pela escrita, de experienciar pelo gesto de escrit(ur)a aquilo sobre o qual me mobilizo: o *arquivo*, a *memória*, o *discurso*. Com isso, começo a “cortar a folha (papel, que é também vegetal...), levantar a pele das palavras, fazer incisões, cortes, enxertos, [...] transformando, deformando, degradando, com legitimidade [...]” (CORACINI, 2010, p. 31) e por meio desses gestos, inicio o movimento do pêndulo.

Ao ler Coracini (2007), a noção de arquivo expressa por Foucault é ratificada: “é a lei e do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares” (FOUCAULT, 2004a [1969], p. 147) e a essa noção se associa a de memória, estabelecendo-se entre ambas uma relação de interdependência: “O arquivo é, assim, a garantia da memória – ao mesmo tempo em que é por ela garantido [...] daquela que é responsável pela manutenção da tradição [...] que ao permanecerem, se transformam; ao serem lembrados, são esquecidos”. (CORACINI, 2007, p. 16). Por isso também que a memória é sempre esquecimento e “não se pode lembrar se o que aconteceu não tiver sido esquecido, porque recordar é sempre interpretar” (Idem, p. 16). *Arquivo, memória, esquecimento e interpretação*: palavras-motrizes que fazem o pêndulo balançar.

Nas páginas que seguem desse texto, Coracini (2007), ao recuperar nos trabalhos de Foucault a história de Pierre Rivière - camponês francês que no século XVII assassinou a família para livrar o pai das ações da mãe - discute a noção de sujeito e demonstra como os textos esquecidos no arquivo da biblioteca ao serem retomados pelo filósofo são alçados à condição de arquivo. Para isso, retoma a perspectiva que ele mesmo impinge ao termo ao afirmar que o arquivo “comporta uma ‘região privilegiada: ao mesmo tempo próxima de nós, mas diferente de nossa atualidade” (FOUCAULT, 2004a [1969], p.147).

Ao dar visibilidade a esses arquivos, Rivière sai do esquecimento, da condição infame e anônima - o sujeito sem fama e invisibilizado socialmente - e Foucault analisa as relações entre os discursos que teceram o acontecimento discursivo que desafiaram a compreensão de sua época. Para isso buscou as falas autorizadas, daqueles de onde emanava o poder, como o juiz e o médico, assim como daqueles que apreenderam o fato do ponto de vista do cotidiano, como os aldeões e o assassino (GREGOLIN, 2004). São falas que em suas lutas discursivas recompõem a história de Rivière:

Todos falam ou parecem falar da mesma coisa – pelo menos é ao acontecimento do dia 03 de junho que se referem todos esses discursos. Mas todos eles, e em sua heterogeneidade, não

formam nem uma obra nem um texto, mas uma luta singular, um confronto, uma relação de poder, uma batalha de discursos e através de discursos (FOUCAULT, 1977 [1973], p. XII).

Se a história de Rivière é lembrada por falas que compõem uma batalha de discursos e a sua escrit(ur)a desestabiliza e desafia a compreensão de sua época, o que há nesse gesto de inscrição que provoca tal batalha e desafios? Esse questionamento me conduziu ao segundo texto de Coracini e que está na obra “Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela”, organizada por Eckert-Hoff e Coracini (2010).

Foi sobre o primeiro capítulo “Discurso e escrit(ur)a: entre a necessidade e a (im)possibilidade de ensinar”, que lancei maior atenção. Encontrei nele pontos de retomada e de conexões com o texto anterior e dele extraí a expressão “A escritura é *phármakon*”, derivada de uma citação de Derrida, ali apresentada e discutida: “Não há remédio inofensivo: ele é sempre e ao mesmo tempo veneno. O *phármakon* não pode jamais ser simplesmente benéfico.” (DERRIDA, 2005 [1972], p. 46).

Coracini traz Derrida ao texto quando aponta alguns pressupostos importantes para a compreensão que defende quanto à escrit(ur)a, dentre eles o de que “produzir um texto é um ato de escritura ou melhor, de in-scrição – numa superfície vazia (papel em branco ou tela vazia – de si, em si e no outro)” (CORACINI, 2010, p. 29, grifo do autor). Nesse momento, Clarice Lispector me invadiu:

Eu disse uma vez que escrever é uma maldição. [...]. E é uma salvação. Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva. Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador (LISPECTOR, p. 135, 1999).

Fiat lux! E a luz se fez! Todos esses efeitos de sentido mobilizaram em minha memória a lembrança de um projeto de extensão que, como professora em uma universidade comunitária, em 2005, desenvolvi e nele essa fala de Lispector é fonte de inspiração para a sua proposição e que a seguir detalharei. Por ora, o que julgo relevante esclarecer (para fazer as devidas ou possíveis amarras desse percurso até aqui produzido e que ainda dão conta apenas de descrever parcialmente as condições de produção deste estudo): Coracini, ao acionar Foucault que traz à luz os arquivos de Rivière e sua história confessa em carta de “clemência” e ao evocar Derrida acerca da escrit(ur)a como *phármakon*, fez com que eu lançasse luz sobre as estantes de minha biblioteca e lá redescobrisse um arquivo, esquecido há mais de uma década e meia e que Clarice Lispector poeticamente me mostrou onde estava.

Aqui a palavra arquivo recupera, conforme Derrida (2001, p. 11), a noção de *Arkhé*, que designa ao mesmo tempo o começo e o comando:

Este nome coordena aparentemente dois princípios em um: o princípio da natureza ou da história, *ali onde as coisas começam* [...] mas também o princípio da lei *ali onde os homens e os deuses comandam*, *ali onde se exerce a autoridade*, a ordem social, *nesse lugar a partir do qual a ordem é dada* (Grifos do autor).

Parafraseando Derrida, “Textos no cárcere” (SURDI; PIERIN, 2006) é o arquivo, é onde as coisas começam - a partir dele constituirei o *corpus* para este estudo - e é onde os homens (e as mulheres!) comandam – como sujeito-analista exerço a autoridade e desse lugar a ordem é dada: eis o arquivo. Trata-se de uma coletânea que reúne textos produzidos por sentenciados da Penitenciária Agrícola de Chapecó, SC, no decorrer de

2005, por meio do projeto "Produzindo textos no cárcere"⁵, organizada por mim e pela estudante de Letras, na época, Monica Pierin, respectivamente, coordenadora e bolsista do projeto⁶. No decorrer das atividades do projeto "foram realizadas oficinas de produção de textos com grupos de sentenciados, instrumentalizando-os no uso de diferentes gêneros e estilos textuais e criando espaços para expressão escrita, com a valorização da manifestação linguística e literária" (SURDI; PIERIN, 2009, p. 102).

"Textos no cárcere" ressurgiu das cinzas do esquecimento de minha trajetória profissional e se coloca como o arquivo do qual pinçarei textos produzidos por sujeitos-autores que permitam a discussão acerca da escrit(ur)a de si: o espaço do/no papel-cela constituindo arquivos e memórias e a (im)possibilidade e a necessidade de dizer (-se). Que leituras esse arquivo permite? Que dispositivos e "configurações significantes" (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 2014, p. 170) podem vir à tona? Essas interrogações se tornam ainda mais potentes quando retomo o que Pêcheux afirma sobre arquivo: "campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão" (PÊCHEUX, 2014a, p. 59). Qual a pertinência desse arquivo? Associado a isso tudo, que memória é essa que o arquivo mobiliza, que recupera do esquecimento os sujeitos, os acontecimentos? Que sujeitos produziram esse arquivo? De que modo a escrita, enquanto prática de produção de textos, constitui-se em escrit(ur)a de si?

São muitas questões que esse arquivo, agora redescoberto, impõe-me e sobre as quais tentarei tecer alguns gestos de interpretação. Para tal empreitada, na próxima seção, recupero em passagens escritas por mim e por minha colega de projeto, informações e reflexões que produzimos e que estão publicadas na coletânea, bem como trago algumas produções dos sujeitos-apanados, a fim de discutir sobre a necessidade e a (im)possibilidade de dizer(-se).

3 ENTRE A NECESSIDADE E A (IM)POSSIBILIDADE DE DIZER (-SE)

"Textos no cárcere", tomado como arquivo, reúne parte das produções resultantes de oficinas de escrita criativa, nas quais os sujeitos-autores da Penitenciária Agrícola de Chapecó/SC exploraram a possibilidade de escreverem sobre suas próprias vidas ou de criarem textos a partir da desconstrução ou da paráfrase de outros textos. Ora como depoimento ou denúncia, ora como reflexão da realidade ou devaneio, através de textos poéticos ou narrativos, as produções abordam assuntos que circulam pelo dia a dia dos autores ou que povoam suas mentes e imaginação.

Considero relevante rememorar as condições de produção que perpassaram as oficinas realizadas durante o projeto por concordar com o que Orlandi (2004, p. 30) explica: as condições de produção compreendem os sujeitos e a situação e a memória faz parte da produção do discurso, por isso os dizeres não são apenas mensagens, "são efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista do discurso tem de apreender". E também por tomar a noção psicanalítica de

5 Projeto financiado pelo Fundo de apoio à extensão da Universidade Comunitária Regional de Chapecó.

6 A universidade busca, atualmente, afirmar seu caráter comunitário perante o contexto regional através de diversas estratégias que articulem-na à comunidade e aos acadêmicos. Entre essas ações, a prática de atividades de extensão tem-se mostrado extremamente positiva e produtiva, uma vez que elas se constituem em espaços de atuação universitária voltados diretamente para o fazer em comunidade, atendendo a demandas que carecem das mais variadas atenções.

"rememoração" expressa por Freud: "Não é em forma de lembrança que o fato esquecido reaparece, mas em forma de ação" (FREUD apud ROBIN, 2016, p. 34).

Que condições foram essas? Enquanto um projeto de extensão universitária, nossa presença na Penitenciária era cancelada pelas autoridades da instituição, uma vez que cumpríamos ali uma atividade educativa e formativa. Desse modo, nossa intervenção estava alinhada a objetivos do Estado quanto aos processos educativos dos sujeitos-apenados, com a oferta de atividades que além de ocuparem o tempo no cárcere, também serviam de "recompensa" aos indivíduos obedientes, pois somente os apenados avaliados com bom comportamento e em regime de progressão de pena, estando no semiaberto, eram autorizados a participar desse tipo de atividade. Some-se a isso o fato de que as oficinas aconteciam em uma sala de aula adaptada com grades, que delimitavam o espaço ocupado pela professora e demarcavam os limites de espaço dos sujeitos-apenados, todos sempre vigiados por um agente penitenciário. A vigilância que cumpre papel repressor, conforme define Althusser:

Na teoria marxista, o Aparelho de Estado contém o governo, os ministérios, o exército, a polícia, os tribunais, os presídios etc., que constituem o que doravante denominaremos de Aparelho Repressivo de Estado. O "repressivo" sugere que o Aparelho de Estado em questão "funciona pela violência" (ALTHUSSER, 1996, p. 114).

À época, as ideias althusserianas sobre ideologia e aparelhos de estado, em especial as noções relacionadas ao Aparelho Repressivo de Estado (ARE) e aos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs) não compunham meu repertório teórico e com isso algumas compreensões que tenho atualmente sobre as relações de poder estabelecidas pelos diferentes papéis sociais representados naquele cenário, não foram dimensionadas naquele momento. Assim como o olhar foucaultiano sobre as relações de poder que se estabelecem entre vigiar e punir, tão bem expressas em: "O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame" (FOUCAULT, 2008, p. 143).

O gesto de trazer as minhas memórias para situar o arquivo torna-se relevante na medida em que contribui para pôr em movimento o que Achard (1999, p. 17) descreve assim: "A análise de discurso é uma posição enunciativa que é também aquela de um sujeito histórico [...] mas de um sujeito histórico que se esforça por estabelecer um deslocamento suplementar em relação ao modelo", pois "a memória suposta pelo discurso é sempre reconstruída na enunciação" (idem). Deste modo, ao reconstruir a memória pela enunciação, mobilizo o que Robin (2006, p. 38) denomina de "'ritmos" da memória, de sua tecelagem e de seu desfilamento", uma vez não há memória justa, há sempre "muito pouco" e "muito". Assim, entre o esquecimento e a saturação, ora se recalca, ora se repete.

Folhear as páginas da coletânea e selecionar, a partir de quase uma centena de produções, quais iriam constituir o *corpus* deste breve estudo também me fez mobilizar critérios que balizassem suas escolhas. Nesse sentido, o exercício do movimento pendular é profícuo para a práxis do analista de discurso, uma vez que as próprias materialidades apontam que entrecruzamentos teóricos e analíticos se tornam possíveis nos gestos de interpretação pretendidos. Com isso, um conjunto de critérios foi se desenhando: (1) texto escrito em primeira pessoa, marcando uma escrit(ur)a de si, no entanto é importante destacar que tal critério não exclui a possibilidade de haver escrit(ur)a de si em terceira

pessoa, como chama a atenção Coracini (2007, p. 136): “escrever na primeira pessoa não garante por si só maior subjetividade...”; (2) com uma composição/extensão de no máximo quinze linhas, para ser transcrito na íntegra; (3) tratar de tema recorrente nas produções reunidas na coletânea, a fim de indicar uma marca temática da ordem do repetível; e, por fim, (4) produções nas quais aspectos relacionados às discussões propostas por Coracini (2007; 2010) pudessem ser acionados, uma vez que são esses dois textos que inicialmente me mobilizaram para a escrit(ur)a deste artigo e estão homenageados neste estudo.

No batimento entre dispositivo teórico e dispositivo analítico, cheguei a duas produções que tocam em temáticas recorrentes no contexto de cárcere: o *desejo de liberdade e a angústia*. Essas escolhas, por mais que se tente impor um olhar racional enquanto sujeito-analista, também são afetadas pelos efeitos de sentido que cada escrit(ur)a provocou em mim, tanto na época da realização do projeto, quanto neste momento em que recupero do esquecimento o arquivo, as memórias e seus sujeitos. Como reitera Stübe (2008, p. 57): “Cabe lembrar que interpretar é sempre uma escolha que envolve muitos apagamentos. Estas ‘escolhas’ inconscientes denunciam o caráter de violência do arquivo, ou seja, seu desejo de fechar algo [...]”. E ainda como diz Derrida (1974), como leitora, contra-assino, já que produzo sentidos a partir dos textos lidos.

São escrit(ur)as de si e que se alinham àquilo que Coracini defende ao afirmar que: “produzir um texto pode significar construir para si uma identidade, um lugar social, uma certa visibilidade, ainda que esta consista numa resposta a uma autoridade que detém o poder” (CORACINI, 2010, p. 25, grifos meus). Parece-me ser isso que os sujeitos-autores fazem ao terem na escri(ur)a de si o espaço do papel para a constituição de memórias e de identidades, em que o conflito entre a necessidade e a (im)possibilidade de dizer-se ficam latentes, mesmo que a produção consista numa resposta ao exercício proposto pela professora/oficineira, a autoridade que naquele contexto detém o poder, conforme destaquei nos dizeres de Coracini. Também me apoio em Lacan (1964) ao sustentar que “ao falar/escrever, o sujeito mais se diz do que diz, isto é, o sujeito se inscreve na escritura” (apud CORACINI, 2007, p. 136).

Nos gestos de interpretação aqui depreendidos, entendo que a latência desse paradoxo pulsa nos versos do poema a seguir, que aqui é tomado como a sequência discursiva (SD) 1:

SD1 - VENTO – Antonio Carlos Padilha dos Santos "Kiko"
 Às vezes quieto, às vezes quente, às vezes agitado;
 Às vezes seco, às vezes úmido ... até gelado.
 Sem rumo, sem prumo, sem curvas,
 Leve ou louco... mas solto; e solto levanta, espanta, chacoalha, quebra;
Mas calmo... me acalma, me abraça, me enlaça.
 Sempre passa... mas me espera
 Com jeito, traz um cheiro e machuca;
 Depois me avisa, que as brisas enxugam,
 Que consertam, respondem e acertam.
 Me provoca com tamanha liberdade,
 Até dança pelas ruas da minha cidade,
 Vai onde não posso ir, vai onde deixei de ir,
 E uma louca inveja me faz sentir...
 (In: SURDI; PIERIN, 2006, p. 31, grifos meus)

Como primeiro gesto analítico, destaco a escolha de nada antecipar acerca do poema, para que cada leitor ao lê-lo contra-assine e produza sentidos a partir do que lê. Entendo que deste modo, compartilhar minha contra-assinatura torna-se um gesto que

mobiliza o leitor a tecer a sua própria costura e descostura, e, para isso, inspiro-me – novamente – em Derrida (2005, p. 7): “se a leitura é a escritura, esta unidade designa nem a confusão indiferenciada nem a identidade de todo repouso; o é que une a leitura à escritura deve descosê-las” (grifo do autor). Junto a isso optei por considerar o poema em sua totalidade como uma sequência discursiva amparada em Orlandi (2012, p. 117):

O texto, dissemos inúmeras vezes, é a unidade de análise afetada pelas condições de produção. O texto é, para o analista de discurso, o lugar da relação com a representação física da linguagem: onde ela é som, letra, espaço, dimensão direcionada, tamanho. É o material bruto. Mas é também espaço significativo. E não é das questões menos interessantes a de procurar saber como se põe um discurso em texto.

Descosendo essa escrit(ur)a, elegi algumas marcas linguísticas como regularidades produtivas para uma apreciação discursiva, como a repetição da conjunção “mas” e o uso das reticências. Discursivamente, uma regularidade é algo que “*não diz nada [...], mas que mostra*, que abre uma perspectiva para discernir o que resiste a se dizer no próprio dizer” (CONEIN, et. al. 2016, p. 324, grifos dos autores). Além disso, destaco o que há de singular nesse poema/SD1: a indicação de qual é tema/assunto está presente somente em seu título. A partir da palavra “vento”, que aparece exclusivamente no título, o poema descreve o que acontece quando o vento passa e o que vem e vai com ele e, ao mesmo tempo, revela a vontade de ser livre, assim como o vento é.

O desejo de liberdade é recorrente nas escrit(ur)as de si dos sujeitos-apeados e junto a esse desejo também se flagra a omissão do lugar discursivo, uma vez que o autor se silencia em relação à condição de encarceramento. No entanto, os deslizos de sua escrit(ur)a em “mas solto”, “me provoca com tamanha liberdade”, “vai onde não posso ir, vai onde deixei de ir” e “uma louca inveja me faz sentir” revelam um sujeito (doravante sujeito-autor - SA1) – que está preso e que se assujeita – se conforma - a essa condição, marcando um efeito de identificação. Para Pêcheux e Fuchs (2014, p. 215), a identificação consiste numa superposição (um recobrimento) entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal, de modo que a “tomada de posição” do sujeito realiza seu assujeitamento sob a forma do “livre consentimento”: essa superposição caracteriza o discurso do “bom sujeito” que reflete espontaneamente o Sujeito.

Do mesmo modo que rememorei as condições de produção do arquivo, considero necessário recuperar o processo de produção dos textos que agora constituem esse corpus em análise. Durante a oficina, foi solicitado aos participantes que, num exercício de “tempestade mental”, pensassem aleatoriamente em palavras que rimassem e na sequência produzissem um texto poético no qual essas palavras estivessem articuladas. Assim, no trabalho do inconsciente “rumo e prumo, louco e solto, levanta e espanta, abraça e enlaça, liberdade e cidade, ir e sentir” são mobilizados e associados.

Dessa combinação, ilusoriamente aleatória, a reflexão que Coracini (2010, p. 32) faz é muito esclarecedora: “A escrita, apesar do desejo de controle total ‘acontece’, é acontecimento [...] a obra ou o texto resultante, inevitavelmente inserida(o) num dado contexto, é previsível e, ao mesmo tempo, surpreendente [...]” e provoca mudanças, deslocamentos subjetivos e uma vez que a palavra é lançada, assume múltiplos sentidos. Do conjunto de palavras lançadas, o sentido que elas articulam levam ao “vento” como tema e como metáfora de seu desejo de liberdade e que é travada em vários momentos pela conjunção “mas”, mostrando sua situação de assujeitamento:

O sujeito do discurso, no seu fazer, traz consigo o refletido de sua subjetividade, ao mesmo tempo em que impõe/dissimula (significando para ele o que ele é e também o que ele não é) sua situação de assujeitamento, o que acarreta sua ilusão de autonomia. Tais condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção são determinantes no processo da escrita (SCHONS; GRIGOLETTO, 2008, s/p.).

O efeito adversativo que “mas” traz assemelha-se - inversamente - aos efeitos afirmativos que o “vento” traz e esse “mas”, a cada pouco, lembra quem está solto e quem está preso. Essa adversidade marca o que Schons e Grigoletto destacam como “Tais condições ideológicas [...] são determinantes no processo da escrita” (2008, s/p.). O “mas” está ali percorrendo os caminhos do vento para lembrar ao sujeito-autor a sua condição de encarceramento, para trazê-lo à sua realidade e a ela submeter-se.

Ao mesmo tempo em que o SA1 tem no intradiscurso do poema um espaço para se constituir enquanto sujeito, há a dificuldade, senão impossibilidade, de dizer-se, de assumir-se “preso”, aí o sujeito é recalçado. Tomo aqui a noção freudiana de que: “O recalque consiste simplesmente em afastar determinada coisa do consciente, mantendo-a à distância” (FREUD, 1996 [1915], p. 152). O recurso que o sujeito mobiliza - inconscientemente - para lidar com esse paradoxo é o deslizamento de sentido por efeito metafórico, atribuindo ao vento a liberdade por ele, preso, desejada.

Entre a necessidade e a (im)possibilidade de dizer-se, o sujeito se esconde e se revela por meio da escrit(ur)a: o SA1 inveja a liberdade do vento e que marca no uso das reticências um modo de mostrar um acréscimo não preenchido, por meio da incompletude: “elas marcam o lugar de um acréscimo possível, mesmo necessário, livrado à memória, aberto ao efeito do leitor” (ORLANDI, 2001, p.121). Com isso, há de se considerar que as reticências carregam em si um efeito metafórico da liberdade...

Assim, na descostura que propus à SD1, o efeito metafórico do vento como liberdade e como reticências é constantemente barrado pelo freio da realidade da conjunção “mas”. O papel-cela aqui mostra a sua potência também enquanto metáfora e *phármakon*; liberdade e prisão, que se atravessam e se afastam, o “vento” como liberdade e o “mas” como prisão. Produzem-se, deste modo, efeitos de sentido que se constituem via jogo de linguagem, consoante àquilo que Pêcheux nos ensina:

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas) (PÊCHEUX, 1995, p. 160).

Na esteira desse ensinamento pecheuxtiano, compreender que não existe sentido em si mesmo e que os efeitos de sentido são determinados pelas posições ideológicas em jogo no processo discursivo torna-se relevante para ratificar o olhar multifacetado que Henry (2013) tece acerca do sujeito, que concomitantemente é ideológico, desejante e atravessado pela linguagem. A concomitância da ideologia, do inconsciente e do histórico pode se mostrar pela escrit(ur)a de si de SA1, em que o desejo de liberdade se (des)revela pela metáfora do vento e das reticências.

Parto, junto com o vento e as reticências, para a SD2 e dela sigo com a minha contra-assinatura:

SD 2 - EMERGÊNCIA - Reginaldo Moura
Tenho emergência de sair daqui.
Tenho emergência de constituir uma família.

Tenho emergência de fazer um check up de saúde.
 Tenho emergência de cuidar de minha vida.
 Sem que estejam me dando ordens infundadas.
 (In: SURDI; PIERIN, 2006, p. 103, grifos meus)

Na SD2, mais um tema recorrente na produção dos sujeitos-autores é mobilizado: a angústia e que está relacionada muito proximamente ao desejo de liberdade, assim como à espera e à solidão. Na SD2 o sujeito (doravante sujeito-autor - SA2) materializa suas angústias a partir da escolha da palavra "Emergência". Assim como SA1, também SA2 recalca sua condição de apenado, mas desliza na primeira linha de seu poema ao afirmar "Tenho emergência de sair daqui".

Nessa escrit(ur)a de si, as marcas linguísticas de repetição da formulação "Tenho emergência de..." provocam efeito de contraidentificação, de um sujeito que resiste à condição que lhe é imposta. Isso é reforçado pela afirmação final: "Sem que estejam me dando ordens infundadas". O que emerge de seu dizer é carregado de urgência, senão de raiva e agressividade e remete a palavras de ordem de um protesto, marcado pela insistente repetição da "Emergência", que não está presente apenas no último verso, quando a denúncia é proferida.

Conforme explicam Ernst-Pereira e Mutti (2011), a repetição é uma estratégia discursiva que se caracteriza por aquilo que está demasiadamente presente no discurso e que busca estabelecer a relevância de saberes de uma determinada formação discursiva através da repetição e garantir a estabilização de determinados efeitos de sentido, com a "reiteração incessante de determinados saberes interdiscursivos que tomam formas diferentes no intradiscurso, mas mantêm os mesmos pressupostos ideológicos" (ERNST-PEREIRA; MUTTI, 2011 p. 829). Um acréscimo que, nos dizeres de Haroche (2016), se caracteriza por romper o fio do discurso e por onde a subjetividade, a afetividade, a emotividade encontram veios para se exprimir, portanto, trata-se de um lugar no qual o sujeito (se) diz e/ou não (se) diz.

É possível vislumbrar essa escrit(ur)a como um ato de resistência, embora inconsciente: resistência ao silenciamento, que o faz repetir a sua emergência e resistência às ordens que impedem o controle da própria vida. Aqui me valho da curta, porém contundente afirmação foucaultiana: "lá onde há poder, há resistência". (FOUCAULT, 2009 [1976], p. 91). Nessa escrit(ur)a de si, do gesto de resistência é de onde emerge um sujeito que confronta e que se coloca do lado que não é o lado de "lá onde há poder", mas o lado dos sujeitos "infames", pois como afirma Foucault (2015 [1977], p. 219): "A partir do momento que alguém entrava na prisão, acionava-se um mecanismo que o tornava infame...".

Vale lembrar que a contraidentificação corresponde a uma modalidade que caracteriza o discurso do "mau sujeito", o discurso no qual o sujeito da enunciação "se volta" contra o sujeito universal por meio de uma "tomada de posição". Essa tomada consiste em uma separação (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação revolta...) com respeito ao que o "sujeito universal" lhe "dá a pensar": luta contra a evidência ideológica, sobre o terreno dessa evidência, evidência afetada pela negação, revertida a seu próprio terreno (PÊCHEUX, 2014b, p. 199).

A respeito de como essa escrit(ur)a foi materializada, recordo-me de que ela foi resultado de uma dinâmica de escolha de palavras da música "Palavras", dos Titãs⁷. Com base em algumas afirmações feitas na música, como "palavras não são más, palavras não são boas, os números pros dias e os nomes pras pessoas" e "palavras que se usem em caso de emergência" cada um selecionou uma palavra e sobre ela escreveu. Nesse caso, a palavra escolhida rendeu um novo texto no qual a "Emergência" aparece como marca linguística que convoca uma série de reivindicações, resultantes das privações: liberdade, família, saúde e vida.

A angústia que se materializa em "emergência" traz à tona um sujeito-autor que paradoxalmente se silencia, mas que resiste e que tem no espaço do papel-cela o lugar para se dizer:

A escrita de si mesmo aparece aqui claramente em sua relação de complementariedade com a anacorese: *ela atenua os perigos da solidão*; oferece aquilo que se fez ou se pensou a um olhar possível; o fato de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, suscitando o respeito humano e a vergonha; é possível então fazer uma primeira analogia: o que os outros são para o asceta em uma comunidade, o caderno de notas será para o solitário (FOUCAULT, 2004b, p. 145, grifos meus).

Descoser essa escrit(ur)a aciona-me mais uma vez o *phármakon* derridiano em consonância com o pensamento foucaultiano: a emergência da escrit(ur)a atenua os perigos da solidão (quais perigos seriam esses?) e o papel-cela se torna a companhia para libertar a solidão, para libertar-se da angústia, para tratar feridas e para abrir outras. Some-se a isso o fato de que os gritos de protestos por não poderem ser ditos em alto e bom som são escritos "no caderno de notas" e eles (re)clamam por algo que falta, mas que urge na emergência de dizer-se.

Necessidade e (im)possibilidade pulsam e trazem à tona um real que escapa a qualquer tentativa de simbolização e que tem na angústia uma das marcas disso que é inapreensível. Sobre isso Plon esclarece: "A angústia verdadeira, nem medo, nem temor, nem terror, consiste num resto que transborda de qualquer tentativa conceitual, um resto que nos confronta, sem o menor socorro, sem o menor alibi, com o real, com o inapreensível já sempre presente, um resto que não engana" (PLON, 2006, p. 13). Esse resto que não engana, conforme explicou Plon (2006), porque transborda, isto é, escapa para além das bordas e das fronteiras da própria linguagem, faz o sujeito-autor confrontar-se com o real do cárcere pela materialidade discursiva, pela escrit(ur)a de si.

Promovendo os enlaces finais desta análise, julgo pertinente trazer a contribuição de Cunha (2002, p. 166):

A palavra escrita não é conquista recente da instituição penitenciária. A "história da violência nas prisões" denuncia sua "tecnologia loquaz" ou sua "prolixidade", exposta nos projetos, discursos teóricos, testemunhos, biografias, compostas diariamente nos registros sobre os prisioneiros e, desde sempre, nas autobiografias. A nossa própria experiência do literário ou os nossos cânones, brasileiro e ocidental, incluem inúmeras e grandiosas narrativas originadas no cárcere.

Há vários textos produzidos no cárcere que mostram isso: Graciliano Ramos, escritor brasileiro, preso na década de 1930, escreveu "Memórias do Cárcere", obra de referência da literatura brasileira; Antonio Gramsci, filósofo italiano e co-fundador do partido

⁷ A letra dessa música pode ser conferida no seguinte link: <<https://www.lettras.mus.br/titãs/86524>> Acesso em: 11 jun. 2022.

comunista italiano, preso na década de 1920, na Europa, produziu no cárcere uma obra que o distinguiria, mais tarde, como uma das mais importantes figuras intelectuais do século XX, os “Cadernos do Cárcere”. No cinema, também temos uma mostra, Glauber Rocha escreveu parte do roteiro de Terra em Transe, marco do cinema novo, na prisão durante a ditadura militar na década de 1960 (SURDI; PIERIN, 2006).

Não tivemos a pretensão durante a realização das oficinas de escrita criativa de descobrir escritores, filósofos ou cineastas, mas tivemos o interesse em contribuir para que os apenados pudessem ter, através da escrit(ur)a de si, modos de lidar com as mais diferentes emoções e sentimentos, como o conformismo, a carência, a privação e a angústia, consoante ao que apontei nas duas produções por ora analisadas. Almejo que os gestos de análise aqui apreendidos tenham demonstrado como o espaço do papel-cela potencializa a relação paradoxal que envolve a (im)possibilidade e a necessidade de dizer(-se).

4 UM FINAL (IM)POSSÍVEL

No gesto (im)possível de fechamento deste estudo, o pêndulo faz em seu movimento de ir e vir um eco necessário com o que argumentei em seu início e para isso me valho mais uma vez de Coracini (2007, p. 25), a fim de apontar o (ilusório) êxito da empreitada proposta:

Foucault cumpriu sua parte ao tirar a poeira de documentos que, nas prateleiras de uma biblioteca, guardavam no mais profundo esquecimento sujeitos insignificantes, fadados ao silêncio, tanto em vida quanto em morte... E nós, procurando repetir seu gesto, embora conscientes da impossibilidade de fazê-lo, buscamos trazer à cena testemunhos, histórias de vida, também in-fames (sem fama), que são nossas próprias histórias – de professores, de tradutores, de falantes (a)normais de mais de uma língua...

De maneira análoga àquilo que Foucault fez com o dossiê de Pierre Rivière e com o que Coracini fez com os textos da coletânea “O professor escreve a sua história”⁸, ousou dizer que com a coletânea “Textos no cárcere” também intencionei dar fama aos in-fames (sem fama), aos sujeitos anônimos em situação de privação de liberdade. São arquivos que levam a memórias que levam a sujeitos que levam a identidades e à necessidade e à (im)possibilidade de dizer(-se).

Ao revisitar “Textos no cárcere”, sob o viés discursivo-desconstrutivista, interpreto o cárcere como um lugar de silenciamentos, censuras, interdições, recalques e repressão. Um aspecto que não pode ser ignorado em relação às condições de produção das escrit(ur)as reunidas nesse arquivo é que todas elas foram e(in)scritas em uma cela de aula, ou seja, uma sala de aula, separando por grossas grades, professora/oficineira de alunos/apenados, vigiados ininterruptamente pelos olhos do Estado. Espaço que funciona tanto como Aparelho Repressivo de Estado (ARE), quanto Aparelho Ideológico de Estado (AIE): cadeia/escola.

Dadas essas condições de produção, o espaço do papel-cela é ocupado por sujeitos-autores que se silenciam, marcando a impossibilidade de se dizerem “presos”, mas que, paradoxalmente, necessitam dizer-se porque a escrita é *phármakon*, desabafo,

⁸ Escrito por professores da educação básica de São Paulo. Organizado por Silva et al. (São Paulo, ABRE-LIVROS FDE, UNICEF, 1997), ver Coracini (2003; 2007; 2010). Nessas obras, a autora apresenta diversas discussões e análises acerca dessas produções.

catarse. Por isso escolheram participar das oficinas, por identificarem nessa atividade a possibilidade de escrit(ur)a: “Para uns, em certas circunstâncias, escrever corresponde à necessidade de desabafo, de se dizer para alguém, de se confessar, ainda que seja para si próprio (para o Outro): nesses casos teria uma função catártica. Catarse, sublimação, desabafo...” (CORACINI, 2010, p. 41).

Arrematando esta escrit(ur)a, o papel-cela aponta para a metáfora de liberdade e de prisão e é onde o *phármakon* derridiano pode ser tensionado: O espaço do papel que “permite” a escrit(ur)a de si é um ato (ilusoriamente) livre materializado no espaço da cela, onde (literalmente) o sujeito está preso. Mas o que a escrita “permite”? Que dores, amores e horrores (só para citar alguns “...ores”) são libertos quando se escreve? Que feridas se abrem, quais se curam? O que se liberta? Quem se liberta? O que se prende? Quem se prende? Divagações que me inquietam...

Como ato (temporariamente) final, considerando que cada escrit(ur)a é atravessada pelo Outro, convido Mario Quintana para fechar este texto e abrir uma janela:

EMERGÊNCIA - Mário Quintana (1976)
 Quem faz um poema abre uma janela.
 Respira, tu que estás numa cela
 abafada,
 esse ar que entra por ela.
 Por isso é que os poemas têm ritmo
 - para que possas profundamente respirar
 Quem faz um poema salva um afogado.

Janela aberta, inscrição (fin)dada. Respirar.

REFERÊNCIAS

- ACHARD, P. Introdução. In: ACHARD, P. [et. al.]. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999, p. 7-17.
- ALTHUSSER, L. Ideologia e aparelhos ideológicos de estado. In: ZIZEK, S. (org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p.105-142.
- CARNEIRO, T. G.; SANTOS, J. S.; MEDEIROS, V. S. Cárcere e educação: análise documental das informações penitenciárias. **Revista Philologus**, ano 25, n. 75, p. 1052-1069, set./dez. 2019.
- CONEIN, B. [et. al.]. A fronteira ausente (um balanço). In: CONEIN, B. [et. al.]. (org.). **Materialidades discursivas**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016. p. 321-328.
- CORACINI, M. J. Discurso e escrit(ur)a: entre a necessidade e a (im)possibilidade de ensinar. In: ECKERT-HOFF, B.; CORACINI, M. J. (org.). **Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-cela**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010. p. 17-50.
- CORACINI, M. J. **A celebração do outro**: arquivo, memória e identidade: língua (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2007.
- CORACINI, M. J. Subjetividade e Identidade do(a) professor(a) de português. In: CORACINI, M. J. (org.). **Identidade e Discurso**: (des)construindo subjetividades. Campinas: Editora da UNICAMP, Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003. p. 239-256.

- CUNHA, E. L. Margens e valor cultural. In: MARQUES, R.; VILELA, L. H. (org.). **Valores:** arte, mercado, política. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002. p. 159-169.
- DERRIDA, J. **Mal de arquivo:** uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DERRIDA, J. **A farmácia de Platão.** São Paulo: Iluminuras, 2005 [1972].
- DERRIDA, J. **Glas.** Paris: Galilée, 1974.
- ERNST-PEREIRA, A. G.; MUTTI, R. M. V. O analista de discurso em formação: apontamentos à prática analítica. **Educ. Real.**, v. 36, n. 3, p. 817-833, set./dez. 2011.
- FERNANDES, A. B. Um olhar discursivo sobre o cárcere e a rua. **Interfaces.** v. 11 n. 2, p. 113-121, 2020.
- FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: MOTTA, M. B. (org.). **Ética, Sexualidade, Política.** Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015 [1977]. p. 199-217. (Coleção Ditos e Escritos VI)
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I:** a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 19. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009 [1976].
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir.** 35. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a [1969].
- FOUCAULT, M. A escrita de si. In: MOTTA, M. B. (org.). **Ética, Sexualidade, Política.** Tradução de Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b, p. 144-162. (Coleção Ditos e Escritos V)
- FOUCAULT, M. **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão...** Rio de Janeiro: Graal, 1977 [1973].
- FREUD, S. Repressão. In: FREUD, S. **Edição standard das obras completas de Sigmund Freud.** v. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1915]. p. 147-164.
- GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. Efeitos do arquivo: A análise do discurso no lado da história. In: ORLANDI, E. (org.). **Gestos de leitura.** Campinas: Editora da Unicamp, 2014. p.169-192.
- GREGOLIN, M. R. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso:** diálogos e duelos. São Carlos: ClaraLuz, 2004.
- HAROCHE, C. **Fazer Dizer, Querer Dizer.** São Paulo: Editora Hucitec, 1992.
- HENRY, P. **A ferramenta imperfeita:** língua, sujeito e discurso. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.
- LACAN, J. **O seminário-livro 11:** os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998 [1964].
- LISPECTOR. C. **A descoberta do mundo.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

NUNES, A. I. C. **Discurso religioso no cárcere:** caminhos e possibilidades. 2017. 157 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, MG, 2017.

ORLANDI, E. P. Texto e discurso. **Organon**, v. 9, n. 23, p. 111-118, 2012.

ORLANDI, E. P. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

ORLANDI. **Discurso e texto:** formulação e circulação dos sentidos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2001.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HACK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso.** Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. Unicamp, 2014. p. 159-250.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. (org.). **Gestos de leitura.** Campinas: Editora da Unicamp, 2014a. p. 57-68.

PÊCHEUX, M. A Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HACK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso:** Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. Unicamp, 2014b. p. 59-158.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PETRI, V. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do "dispositivo experimental" da análise do discurso. In: PETRI, V.; DIAS, C. (org.) **Análise de discurso em perspectiva:** teoria, método e análise. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013. p. 37-48.

PLON, M. *Je suis, donc je doute.* In: LEITE, N. V. de A. (org.) **Corpolinguagem. Angústia:** o afeto que não engana. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 11-30.

QUINTANA, M. **Apontamentos de história sobrenatural.** 4. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1976.

RICKES, S. M. A escritura como cicatriz. **Educação & Realidade**, v. 27, n. 1, p. 51-71, jan./jun. 2002.

ROBIN, R. **A memória saturada.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2016.

SCHONS, C. R.; GRIGOLETTO, E. Escrita de si, memória e alteridade: uma análise em contraponto. In: JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS DO DISCURSO, 1. 2008. **Anais...** 2008, p. 407-418. Disponível em: <<http://www.dle.uem.br/jied/pdf/ESCRITA%20DE%20SI%20schons%20e%20grigoletto.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2022.

STÜBE, A. D. **Tramas da subjetividade no espaço entre-línguas:** narrativas de professores de língua portuguesa em contexto de imigração. 2008. 230 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008.

SURDI, M. S.; PIERIN, M. Produzindo textos no cárcere: espaços de autoria. In: POZZOBON, M. E. BUSATO, M. A. (org.). **Extensão universitária: reflexão e ação**. Chapecó: Argos, 2009. p. 101-116.

SURDI, M. S.; PIERIN, M. (org.). **Textos no cárcere**. Chapecó: Acin/Unochapecó, 2006.

VINHAS, L. I. **Discurso, corpo e linguagem: processos de subjetivação no cárcere feminino**. 2014. 303 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

Artigo recebido em: 02/02/2023

Artigo aprovado em: 05/05/2023

Artigo publicado em: 17/07/2023

COMO CITAR

SURDI, M. S. Escrit(ur)as de si e o espaço do/no papel-cela: necessidade e (im)possibilidade de dizer(-se). **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 12, p. 1-17, e02313, 2023.